



RALPH WALDO EMERSON

# NATUREZA

*Traduzido por Davi Araújo*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Copyright © 2011 por Dracaena.

Os direitos desta tradução estão reservados à Editora Dracaena.

Projeto Gráfico e Diagramação: Francieli Kades

Tradução: Davi Araújo

Revisão: Davi Araújo e Thais Tardivo

Capa: César Oliveira

1ª Edição: junho / 2011

**Emerson, Ralph Waldo**

Natureza / Ralph Waldo Emerson ; Tradução Davi Araújo

Título Original: Nature

1. Filosofia, Naturalismo, Ralph Waldo Emerson, Poesia, Clássicos da literatura, Filósofos, Filosofia, Transcendentalismo.

# Sobre o autor

**Ralph Waldo Emerson** nasceu em 25 de maio de 1803

em Boston e foi um famoso escritor, filósofo e poeta americano.

Juntamente com Thoreau é considerado um dos pais do transcendentalismo.

Ele é considerado como um dos mais influentes filósofos e pensadores americanos.

Suas viagens o fizeram conhecido e amado por figuras importantes como: Thomas Carlyle, William Wordsworth entre outros.

**Natureza** é um dos seus ensaios mais aclamados e é considerado um dos mais importantes trabalhos do transcendentalismo e do movimento naturalista.

Morreu em 27 de abril de 1882 em sua casa em Concord, Massachusetts nos Estados Unidos.

# Sumário

[Ficha Técnica](#)

[Sobre o autor](#)

[Introdução](#)

[Natureza](#)

[Bens Materiais](#)

[Beleza](#)

[Linguagem](#)

[Disciplina](#)

[Idealismo](#)

[Espírito](#)

[Perspectivas](#)

# Introdução

NOSSA era é retrospectiva. Constrói sepulcros aos antepassados. Escreve biografias, histórias e criticismo.

As gerações anteriores olhavam Deus e a natureza cara a cara; nós o fazemos através de seus olhos. Por que não desfrutaríamos também de uma relação original com o universo? Por que não haveríamos de ter uma poesia e uma filosofia que sejam fruto de nossa própria descoberta e não da tradição, e uma realidade que nos seja revelada, em lugar de ser a história daquela que foi revelada a eles?

Respaldados por um tempo em meio à natureza, cujos transbordantes fluxos de vida nos rodeiam e permeiam, e incitados pelos poderes que nos fornece para atuar em harmonia com ela, por que exumar os ossos secos do passado e submeter essa geração a um baile de máscaras tiradas de seu armário velho? O sol brilha também hoje.

Há ainda lã e linho nos campos. Há novas terras, novos homens, novas ideias. Permitam que busquemos nossas próprias obras e leis e cultos.

Indubitavelmente, não temos perguntas irrespon-díveis. Devemos confiar na perfeição do que foi criado e saber que, seja qual for a curiosidade que a ordem das coisas desperte em nossas mentes, a própria ordem das coisas poderá satisfazê-la. A condição de cada homem é a solução em hieróglifos às questões que ele mesmo formularia. Ele a desempenha enquanto vida, antes de apreendê-la como verdade. Da mesma maneira, em suas formas e inclinações, a natureza já está delineando seus próprios desígnios. Permitam-nos

interrogar essa grande aparição que tão placidamente resplandece ao nosso redor.

Indaguemos: com que fim existe a natureza?

Toda ciência tem um propósito: encontrar uma teoria da natureza. Nós temos teorias acerca das raças e das funções, mas apenas uma remota ideia do que é a criação.

Estamos agora tão longe do caminho da verdade, que os teólogos das diversas religiões disputam e odeiam uns aos outros, e os pensadores são considerados mórbidos e frívolos. Porém, para um discernimento sólido, a mais abstrata das verdades é a mais prática. Quando quer que surja uma teoria autêntica, ela será a sua própria evidência, e o que a põe à prova é o que explicará todos os fenômenos. Atualmente, considera-se que muitos deles sejam não somente inexplicados, senão inexplicáveis; tal como a linguagem, o sono, a loucura, os sonhos, os animais, o sexo.

Filosoficamente considerado, o universo é composto pela Natureza e pela Alma. Logo, falando estritamente, tudo o que é distinto de nós, tudo o que a Filosofia distingue como **não eu**, ou seja, a natureza e a arte, o resto dos homens e meu próprio corpo, deve ser classificado sob esta denominação: NATUREZA. Ao enumerar os valores da natureza e obter sua somatória, utilizarei a palavra em ambos os sentidos: em seu teor coloquial e filosófico. Em indagações tão gerais como a que nos ocupa, a inexatidão não é substancial; não haverá confusão de ideias. Natureza, no sentido comum, refere-se às essências não modificadas pelo homem: o espaço, o ar, o rio, a folha. Arte se aplica à mescla da vontade do homem com essas mesmas coisas, como se dá em uma casa, um canal, uma estátua, um quadro. Porém, tomadas em conjunto, as operações do homem são tão insignificantes – mera escavação, cozimento, arrumação, lavagem – que, comparadas com a impressão grandiosa que o mundo deixa na mente humana, em nada alteram o produto.

# Natureza

PARA estar em solidão, um homem necessita apartar-se tanto da sociedade como de seu próprio quarto. Eu não estou só quando leio e escrevo, ainda que ninguém esteja comigo. Se o homem há de estar só, que olhe as estrelas.

Os raios que vêm desses mundos celestiais se interporão entre ele e o que o toca. Diria-se que a atmosfera teria sido feita transparente com esta intenção: brindar ao homem, nos corpos celestes, com a presença perpétua do sublime.

Vistos os astros desde as ruas da cidade, quanta é a sua grandeza! Se as estrelas aparecessem apenas uma noite em mil anos, como creriam nelas os homens e as adorariam, e preservariam por muitas gerações a lembrança da cidade de Deus que lhes foi mostrada! Sem embargo, esses emis-sários da beleza chegam noite após noite e alumbram o universo com seu sorriso admonitório.

Os astros despertam certa reverência, pois ainda que sempre estejam presentes, são inacessíveis; mas todos os objetos naturais exercem análoga impressão quando a mente está aberta a seu influxo. A natureza nunca mostra uma aparência vulgar. Nem o mais sábio dos homens pode lhe arrancar seu segredo, nem é capaz de acalmar sua curiosidade descobrindo toda sua perfeição. Para os espíritos sábios, a natureza jamais foi um brinquedo; as flores, os animais, as montanhas refletiram a sabedoria de seus melhores anos, tal como haviam deleitado a simplicidade de sua infância.

Quando falamos da natureza deste modo, temos em mente um sentido diverso, sobretudo poético. Queremos significar a impressão



global que causam os múltiplos objetos naturais. Isso é o que distingue o pedaço de pau, que tem diante de si o lenhador, da árvore do poeta. A encantadora paisagem que contemplei esta manhã é composta indubitavelmente de umas vinte ou trinta fazendas. Miller é o dono daquele campo, Locke daquele, e Manning do arvoredo mais adiante. Porém, nenhum deles possui a paisagem. Há uma qualidade no horizonte, da qual nenhum homem é dono; só o é aquele cuja visão pode integrar todas as partes, vale dizer, o poeta. É a melhor parte das fazendas desses homens e, no entanto, seus títulos de propriedade não lhes dão direito sobre isso.

Para falar francamente, poucos adultos são capazes de ver a natureza. A maioria das pessoas não vê o sol.

Ao menos, têm uma visão muito superficial dele. O sol ilumina unicamente o olho do homem, mas resplandece em contrapartida no olho e no coração do menino. O

amante da natureza é aquele cujos sentidos interiores e exteriores ainda seguem amoldados verdadeiramente um ao outro; aquele que conservou em sua maturidade o espírito da infância. Seu relacionamento com o céu e com a terra se torna parte de seu sustento diário. Em presença da natureza, um deleite selvagem flui através do homem, a despeito dos seus infortúnios reais. A natureza diz: Eis aqui a minha criatura, e apesar de suas impertinentes aflições, comigo estará contente. Não só o sol e o verão, senão cada hora e cada estação do ano rendem seu tributo de prazer; cada hora e cada mudança correspondem um distinto estado mental, desde o meio-dia sufocante até a tenebrosa meia-noite. A natureza é um cenário que se adapta igualmente bem a uma peça cômica ou trágica.

Quando alguém está são, o ar é um licor de incríveis virtudes. Cruzando sobre a neve fresca um campo despovoado, sob um céu

nublado e crepuscular, e sem que me venha à mente nenhum augúrio particularmente bom, senti uma satisfação perfeita. Estou contente à beira do temor. Na mata, um homem também se desprende de seus anos, como uma serpente de sua pele, e em qualquer etapa de sua vida é sempre um menino. Na mata, está a perpétua juventude. Nessas plantações de Deus reinam a santidade e o decoro, luzem as galas e atavios de um festival perene, e o visitante não vê como poderia se cansar de tudo aquilo nem em mil anos. Na mata, retornamos à razão e à fé. Ali sinto que nada haverá de acontecer-me na vida – nenhuma desgraça, nenhuma calamidade (que não danifique minha vista) – sem que a natureza o possa curar. De pé sobre a terra nua, banhada minha fronte pelo ar leve e erguido ao espaço infinito, todo mesquinho egoísmo se dilui. Me converto em um globo ocular transparente; nada sou: tudo vejo; as correntes do Ser Universal me circulam; sou uma porção de Deus. O nome do meu amigo mais íntimo me soa então estranho e accidental; o sermos irmãos, o sermos conhecidos, o ser amo ou ser servo é uma minúcia e uma moléstia. Sou o amante de uma beleza incontível e imortal. Nos lugares silvestres, encontro algo mais caro e próximo a mim do que nas ruas ou povoados. Na paisagem tranquila e, especialmente, na distante linha do horizonte, o homem contempla algo tão belo como sua própria natureza.

O maior deleite que os campos e os bosques comunicam é a sugestão de uma oculta relação entre o homem e os vegetais. Não estou só, nem ignorado. Fazem-me sinais e eu lhes respondo. O balanço das ramas em meio a tormenta é para mim novo e antigo. Toma-me de surpresa e, apesar disso, não me é desconhecido. Seu efeito é semelhante ao do alto pensamento ou à emoção sublime que me invade quando julgo que estou raciocinando com acerto ou que estou trabalhando corretamente.

Mas o poder de produzir esse encanto não reside na natureza, sem dúvida, senão no homem ou na harmonia de ambos. É preciso fazer uso desses prazeres com grande moderação; pois a natureza nem sempre se disfarça com roupa de festa, e a mesma cena que ontem

perfumava e reluzia como para que dançassem as ninfas, hoje está coberta de melancolia. A natureza tem sempre as cores do espírito. Para um homem acometido pela calamidade, o calor de sua própria lareira seria em si mesmo triste.

Há também uma espécie de desprezo pela paisagem, o que sente aquele que acaba de perder um amigo querido, e então o céu já não é tão vasto e nem tão valiosa é a população sobre a qual se estende.

# Bens Materiais

QUEM QUER que examine a causa final do mundo discernirá uma multiplicidade de usos que chegam a fazer parte desse resultado. Todos eles admitem ser incorporados a algumas das seguintes classes: Bens Materiais, Beleza, Linguagem e Disciplina.

Sob o nome geral de Bens Materiais, incluo todas as vantagens que nossos sentidos devem à natureza. O que, é claro, trata-se de um benefício temporário e mediato, tal qual seus serviços para a alma. Ainda que módico, é perfeito em seu gênero, e a única utilidade da natureza que todos os homens apreendem. A miséria do homem parece uma petulância infantil quando exploramos a firme e pródiga provisão que tem sido feita para seu suporte e delícia nessa bola verde que o faz flutuar através dos céus.

Que anjos inventaram estes esplêndidos ornamentos, estas ricas conveniências, este oceano de ar acima, este oceano de água abaixo, este firmamento de terra entre os dois?

Este zodíaco de luzes, esta tenda de nuvens respingantes, esta malha listrada de climas, este quádruplo ano? Feras, fogo, água, pedras e milho o servem. O campo é a um só tempo o seu piso, sua oficina, seu jardim e sua cama.

*"Mais servos esperam ao homem Do que ele tomará conhecimento."*

A natureza, em sua cooperação com o homem, é não só o material, mas também o processo e o resultado. Todas as partes trabalham incessantemente nas mãos umas das outras para o proveito do homem. O vento espalha a semente; o sol evapora o mar; o vento sopra o vapor para o campo; o gelo, do outro lado do planeta, condensa neste a chuva; a chuva sustenta a planta; a planta

sustenta o animal; e, assim, as contínuas circulações de caridade divina nutrem o homem.

As artes práticas são reproduções ou novas combinações criadas pelo engenho do homem, a partir dos mesmos benfeitores naturais. Este já não precisa esperar as brisas favoráveis: graças à máquina à vapor, torna realidade a fábula do saco de Éolo e transporta os duzentos e trinta ventos na caldeira de seu barco. Para reduzir a fricção, pavimenta o caminho com barras de ferro, e, subindo a um vagão carregado de homens, animais e mercadorias, lança-se a percorrer o país de povo em povo, como uma águia ou uma andorinha pelo ar. E, tudo somado, como chegou a mudar a face da Terra desde a era de Noé até a de Napoleão! O homem pobre tem cidades, barcos, canais, pontes. Vai ao correio, e a raça humana leva seus recados; à livraria, e a raça humana lê e escreve para ele acerca de tudo o que acontece; aos tribunais, e as nações reparam seus agravos pessoais. Levanta sua casa no caminho, e a raça humana vai todas as manhãs, de pá na mão, retirar a neve para lhe dar passagem.

Mas não há necessidade de elementos específicos nessa categoria de usos. O catálogo é interminável, e os exemplos tão óbvios, que eu devo deixá-los para a reflexão do leitor, com a observação geral de que este benefício venal diz respeito a um bem adicional. Um homem é alimentado, não por poder ser alimentado, mas por poder trabalhar.

# Beleza

A MAIS NOBRE necessidade do homem é servida pela natureza, nomeadamente: o amor à Beleza.

Os antigos gregos chamavam ao mundo kosmos, beleza.

A constituição de todas as coisas ou o poder plástico do olho humano são tais, que as formas primordiais como o céu, a montanha, a árvore e o animal nos provocam deleite em si e por si mesmas. Um gozo que surge de seu perfil, cor, movimento e maneira de agrupá-las. Isso parece dever-se em parte ao olho mesmo, que é o melhor dos artistas. Mediante a ação recíproca de sua estrutura e das leis da luz, produz-se a perspectiva, que integra cada massa de objetos – qualquer que seja seu caráter em um colorido e bem sombreado globo, de tal modo que ali onde os objetos individuais são vulgares e anódinos, a paisagem que eles compõem é bem acabada e simétrica.

E, assim como o olho é o melhor dos compositores, a luz é a primeira entre os pintores. Não há objeto tão execrável que não se torne bonito sob a luz intensa. E o estímulo que esta oferece aos sentidos, e uma espécie de infinitude que possui, como o espaço e o tempo, fazem com que toda a matéria se alvorece. Até um cadáver tem sua beleza peculiar. Mas, aparte essa graça geral difundida pela natureza, quase todas e cada uma das formas são agradáveis aos olhos, como provam nossas intermináveis imitações de algumas delas: a bolota, a uva, a pinha, a espiga de trigo, o ovo, as asas e o corpo da maioria dos pássaros, a garra do leão, a serpente, a borboleta, as conchas marinhas, as chamas, as nuvens, os brotos, as folhas e as formas de numerosas árvores, como a palmeira.

Para um melhor exame, podemos distribuir em três partes os aspectos da Beleza:

**1.** Em primeiro lugar, a mera percepção das formas naturais é um gozo. Tanto necessita o homem do influxo das formas e ações da natureza que, em suas funções inferiores, parecem fazer dentro dos confins dos bens materiais e da beleza. Ao corpo e a mente viciados por uma tarefa ou uma companhia perniciosas, a natureza os cura e lhes devolve seu templo. O comerciante ou o letrado que se aparta do estrépito e do tumulto das ruas e olha o céu e os bosques, volta a ser um homem. Em sua calma eterna, reencontra-se consigo mesmo. O olho parece exigir para sua saúde um horizonte. Nunca nos cansamos, contanto que possamos ver longe o bastante.

Porém, em outras horas, a Natureza satisfaz apenas com seu encanto, sem mescla alguma de benefício corpóreo.

Contemplo desde o cume da colina que se instala detrás da minha casa o espetáculo do amanhecer, desde a aurora até o pôr-do-sol, e sinto o que um anjo sentiria. As largas, esbeltas franjas de nuvens flutuam como peixes no mar de luz purpúrea. Desde a terra, como se fosse uma praia, observo esse mar silente. Imagino-me participando de suas rápidas transformações; o ativo encantamento move minha poeira, e eu me dilato e inspiro, em unísono com a brisa matinal. Como nos diviniza a natureza com uns poucos e baratos elementos! Dá-me a saúde e o dia, e toda a pompa dos imperadores se me tornará ridícula. A aurora é minha Assíria, o crepúsculo e o claro da lua são minha Pafos e inimagináveis reinos de fantasia; o largo meio-dia será a Inglaterra dos meus sentidos e entendimento; a noite, minha Alemanha da filosofia mística e sonhos.

Não menos excelso – salvo pelo fato de que nossa suscetibilidade é menor de tarde – foi o delicioso crepúsculo de ontem. No poente, as

nuvens se dividiam e voltavam a se dividir em flocos rosados com tons de indizível maciez, e o ar de janeiro era tão vivo e suave que entrar em casa causaria um pesar. O que é que queria nos dizer a natureza? Acaso não tinha nenhum significado o vívido repouso do vale detrás do moinho, que nem Homero nem Shakespeare haviam podido recriar em palavras para mim? As árvores desfolhadas se tornam flamejantes espirais no ocaso, sobre a tela de fundo do Leste azulado, e as estrelas dos mortos cálices das flores, e cada tronco seco e cada restolho queimado de geada contribuem em algo com a muda música.

Os habitantes das cidades supõem que a paisagem do campo só é amável durante metade do ano. Eu me comprazo com a graça da cena invernal e creio que nos chega tanto como as influências cordiais do verão. Para o olho atento, cada momento do ano tem sua própria beleza, e em um mesmo lugar do campo contempla-se hora após hora um quadro que não se viu jamais e que jamais se voltará a ver. Os céus mudam a cada instante e refletem sua glória ou sua desdita pelas planícies abaixo.

De uma semana para outra, o estágio das plantações nas fazendas vizinhas altera a expressão da terra. A sucessão das plantas locais nos pastos e caminhos, silencioso relógio mediante o qual o tempo marca as horas estivais, faria perceptíveis até as divisões do dia a um fino observador.

Revoadas de pássaros e insetos, pontuais como as plantas, seguem-se umas às outras, e em um ano cabem todos. Nas águas correntes, a variedade é ainda maior. Em julho, nos baixios de nosso amável rio, florescem em grandes leitos as pontederias azuis, frequentadas por borboletas amarelas em contínuo movimento. A arte não pode rivalizar com esta pompa de ouro e púrpura. O rio está, em verdade, perpetuamente engalanado, e enverga a cada mês um novo adorno.

Mas esta beleza da natureza que se vê e sente como tal é a menor de suas partes. Os espetáculos do dia, a orvalhada manhã, o arco-



íris, montanhas, hortos floridos, estrelas, o claro da lua, as sombras na água quieta e assim sucessivamente, se perseguidos com demasiado afinco, tornam-se meros espetáculos e zombam de nós com sua irrealdade. Saia de sua casa para ver a lua, e não passa de lantejoulas; não será tão agradável como quando sua luz alumbra a sua viagem indispensável. Quem pode capturar a beleza que tremeluz nas amarelas tardes de outubro? Tente pegá-la, e já se foi; é apenas uma miragem vista pelas janelas da diligência.

**2.** A presença de um elemento superior, a saber, o elemento espiritual, é essencial para sua perfeição. A alta e divina beleza que pode ser amada sem enlanguescimento é aquela que se encontra combinada com a humana vontade. A beleza é o selo que Deus põe sobre a virtude.

Toda ação natural é graciosa; o é também todo ato heróico, que faz resplandecer o lugar e sua audiência. As grandes ações nos ensinam que o universo é propriedade de todos e de cada um dos indivíduos que nele habitam. Cada ser racional tem por dote e herança a natureza inteira. É sua, se assim o deseja. Pode desfazer-se dela, fugir a algum rincão e abdicar de seu reino, como o faz a maioria dos homens, mas sua própria constituição lhe confere direitos intrínsecos sobre aquele mundo, e o levará em seu interior em proporção à energia de seu pensamento e de sua vontade.

*"Todas as coisas pelas quais os homens aram, constróem ou navegam obedecem à virtude"*, disse Salústio.

*"Os ventos e as ondas..."* – diz Gibbon – *"...acompanham sempre os mais hábeis marinheiros."*

O mesmo ocorre com o sol e a lua e todas as estrelas.

Quando se leva a cabo um ato nobre – talvez, por sorte, em um cenário de grande beleza natural; quando Leônidas e seus trezentos

mártires levam todo um dia para morrer, e primeiro o sol e logo a lua vêm vê-los naquele íngreme desfiladeiro das Termópilas; quando Arnold Winkelried, nos altos Alpes, sob a sombra da avalanche, reúne ao seu lado um feixe de lanças austríacas para dar passagem a seus camaradas; não têm direito esses hérois a ornar com a beleza do lugar a beleza de suas façanhas? Quando a caravela de Colombo se aproxima das costas da América – tendo adiante os selvagens alinhados na praia, saídos de suas cabanas de juncos; por trás o mar, e de ambos os lados as montanhas arroxeadas do arquipélago das Bahamas –, cabe separar o homem desse quadro vívido?

Não está revestido pelas formas do Novo Mundo, com suas filas de palmeiras e suas matas como cortinas legítimas? A beleza natural sempre se filtra furtiva como o ar, e envolve as grandes ações. Quando Sir Harry Vane era arrastado pelas ladeiras de Tower Hill, sentado em um trenó a caminho da morte, como o grande defensor das leis inglesas, alguém na multidão gritou para ele "*Jamais te sentastes em um trono mais glorioso!*". Charles II, para intimidar os cidadãos de Londres, ordenou que o patriota Lord Russell fosse conduzido à força em um carro aberto, passando pelas ruas principais da cidade. "*No entanto,*"

agrega seu biógrafo, "*a multidão imaginava ver a liberdade e a virtude sentadas ao seu lado.*" Na vida privada, em meio a sórdidos objetivos, um ato de verdade ou heroísmo parece atrair para si simultaneamente o céu como templo e o sol como vela. A natureza estende seus braços para acolher o homem, bastando apenas que seus pensamentos sejam de igual grandeza. Voluntariamente, ela segue os seus passos com o rosa e o violeta, e cede suas linhas de graça e imponência para adornar sua criança querida. Basta deixar que seus pensamentos sejam de igual abrangência, e a moldura se ajustará ao quadro. Um homem virtuoso vive em uníssono com as obras da natureza e se converte na figura central da esfera visível. Homero, Píndaro, Sócrates, Fócion, se associam apropriadamente em nossa memória com a geografia e o clima da Grécia. O céu e a

terra visíveis simpatizavam com Jesus. E na vida comum, quem quer que haja visto uma pessoa de caráter forte e gênio feliz, terá notado o quão facilmente arrasta consigo todas as coisas – os seres humanos, as opiniões, a época – e a natureza se subordina a um homem.

**3.** Ainda há outro aspecto sobre o qual a beleza do mundo pode ser vista, nomeadamente, quando se transforma em um objeto do intelecto. Além da relação das coisas com a virtude, elas têm uma relação com o pensamento. O intelecto busca a ordem absoluta das coisas, tal como se estivessem na mente de Deus, sem as cores da afeição. As faculdades intelectual e ativa parecem suceder-se uma a outra, e a ação exclusiva de uma gera a ação exclusiva da outra. Há algo mutuamente hostil entre ambas, que é como os períodos alternados de alimentação e trabalho nos animais; cada qual preparando e sendo seguido pelo outro. Assim faz a beleza, que, quanto às ações, como temos visto, vem sem que a busquemos, e vem porque não a buscamos, permanecendo para a apreensão e busca do intelecto; e então, por sua vez, do poder ativo. Nada divino morre. Tudo o que é bom se reproduz eternamente. A beleza da natureza reforma a si mesma na mente, e não para a contemplação estéril, mas para uma nova criação.

Todos os homens são em algum grau impressionados pela face do mundo; alguns homens até o deleite. Este amor pela beleza é o Gosto. Outros têm esse amor em tal excesso que, não satisfeitos em admirar, procuram incorporá-lo em novas formas. A criação de beleza é a Arte.

A produção de uma obra de arte lança alguma luz sobre o mistério da humanidade. Uma obra de arte é uma sín-tese ou epítome do mundo. É, em miniatura, o resultado ou expressão da natureza; pois ainda que as obras da natureza sejam inumeráveis e todas distintas entre si, o resultado ou expressão de todas elas é similar e único. A

natureza é um mar de formas fundamentalmente semelhantes e até unitárias. Uma folha, um raio de sol, uma paisagem, o oceano, exercem um efeito análogo sobre o espírito. O comum a todos eles, essa perfeição e harmonia, é a beleza. O padrão da beleza está dado pelo circuito inteiro de formas naturais, pela totalidade da natureza; os italianos expressaram isso ao definir a beleza como "il piú nell'uno." Nada é suficientemente belo por si só: o belo somente o é como um todo. Um objeto qualquer é belo unicamente na medida em que sugere esta graça universal. O poeta, o pintor, o escultor, o músico, o arquiteto procuram concentrar esta radiação do mundo em um só ponto, e em seus diversos trabalhos cada qual trata de satisfazer o amor à beleza que o estimula a criar. Assim é a Arte, uma natureza passada através do alambique do homem. Assim, na arte, a natureza opera através da vontade de um homem pleno da beleza das primeiras obras daquela.

O mundo existe, portanto, para a alma, com o fim de satisfazer o anseio de beleza. Este elemento chamo de um fim último. Com respeito ao motivo pelo qual a alma busca a beleza, nada se pode indagar nem responder. Em seu sentido mais amplo e profundo, a beleza é uma das expressões do universo. Deus é a suma justiça; a verdade, a bondade e a beleza são diferentes rostos dessa mesma totalidade. Mas a beleza da natureza não é um fim último.

É a arauta de uma beleza interior e eterna, e em si mesma não constitui um bem sólido e satisfatório. Deve ficar como uma parte, e todavia não como a última ou mais alta expressão da causa final da Natureza.

# Linguagem

LINGUAGEM é a terceira utilidade que a natureza põe à disposição do homem. A natureza é o veículo do pensamento, e em nível triplo.

1. As palavras são signos de fenômenos naturais.
2. Certos fenômenos naturais são símbolos de certos fenômenos espirituais.
3. A natureza é o símbolo do espírito.

## **1. As palavras são signos de fenômenos naturais.**

Recorrer à história natural há de nos ajudar na história sobrenatural; recorrer à criação exterior nos dará uma linguagem para as entidades e transformações da criação interior. Cada palavra utilizada para expressar um fato moral ou intelectual, se delineada desde sua raiz, baseia-se em um empréstimo feito a alguma manifestação natural.

*Direito* quer dizer *reto*; *errado* quer dizer *torto*. *Espírito* é essencialmente *vento*; *transgressão* é o cruzamento de uma *linha*; *supercílio* é o levantar da *sobrancelha*. Dizemos *coração* para expressar a *emoção*, *cabeça* para denotar o *pensamento*; e *pensamento* e *emoção* são palavras tomadas às coisas sensíveis e atribuídas à natureza espiritual. A maior parte do processo pelo qual se cumpre essa transformação foi ocultado de nós nos remotos tempos da formação da linguagem; mas a mesma tendência pode ser observada diariamente nas crianças. As crianças e os selvagens

usam apenas substantivos ou nomes, que convertem em verbos e aplicam aos atos mentais análogos a essas mesmas coisas.

**2. Mas essa origem de todas as vozes que transmitem um significado espiritual** – fato tão conspícuo da história das línguas – é a menor das dúvidas que temos da natureza. Não apenas as palavras são emblemáticas: as coisas mesmas o são. Cada fenômeno natural é um símbolo de um fenômeno espiritual. Cada manifestação da natureza corresponde a um estado da mente, e a esse estado da mente só podemos descrever apresentando sua manifestação natural como sua imagem. Um homem enfurecido é um leão, um homem astuto é uma raposa, um firme é uma rocha ou um sábio é uma luz. O cordeiro é a inocência; a serpente, o insidioso rancor; as flores expressam para nós as afeições delicadas. Luz e escuridão são nossa forma habitual de nos referir ao saber e à ignorância; o ardor, nossa expressão usual da paixão amorosa. A distância que divisamos atrás de nós e a que divisamos adiante são, respectivamente, nossas imagens de lembrança e esperança.

Quem, ao observar a corrente de um rio, não relembra o fluir de todas as coisas? Lança nele uma pedra, e os círculos que se propagam são o belo modelo de toda influência.

O homem é consciente de uma alma universal que está dentro ou por trás de sua vida individual, de onde as essências da Justiça, da Verdade, do Amor e da Liberdade surgem e brilham como em um firmamento. Esta Alma Universal – que não é minha, nem vossa, nem daquele outro, senão que nós somos dela, somos sua propriedade e seus hóspedes – ele chama Razão. E o céu azul em que a terra de cada qual está enterrada, o céu com sua calma eterna e seus orbes perpétuos, é o modelo da Razão. Aquilo que, intelectualmente considerado, chamamos Razão, se considerado em relação à natureza, chamamos Espírito.

O Espírito é o Criador. O Espírito porta consigo a vida. E

em todas as épocas e países, o homem o incorporou em sua linguagem como o PAI.

Vê-se facilmente que essas analogias nada têm de felizes ou caprichosas, senão que são constantes e impregnam a natureza. Não são sonhos de uns poucos poetas, dispersos aqui e ali, senão que o homem é um analogista e estuda as relações em todos os objetos. Localizado no centro dos seres, um raio de relação o une com todos eles.

E não é possível compreender ao homem sem esses objetos, nem a esses objetos sem o homem. Tomado em si mesmo, nenhum fenômeno da história natural tem valor, é estéril como um só sexo; mas case-o com a história humana, e se preencherá de vida. Floras inteiras, todos os volumes de Lineu e Buffon, são áridos catálogos de acontecimentos naturais; mas o mais trivial destes acontecimentos, os hábitos de uma planta, os órgãos de um inseto ou o trabalho que realiza ou o ruído que emite, empregados para ilustrar um feito da filosofia intelectual ou de algum modo associados com a natureza humana, afetam-nos de uma maneira intensa e gratificante. A semente de uma planta, – a que comoventes analogias com a natureza do homem já não deu lugar esse pequeno fruto em todo tipo de discursos, até chegar à voz de Paulo, que compara o cadáver do homem com uma semente – “semeia-se um corpo natural, ressuscita um corpo espiritual.” O movimento da Terra sobre seu eixo e ao redor do sol dá origem ao dia e ao ano; essas são quantidades certas de luz e calor elementares; porém, não há acaso na intenção de uma analogia entre a vida do homem e as estações? E não extraem as estações grandeza ou pathos dessa analogia? Os instintos da formiga têm muito pouca importância, considerados como coisa de formiga; mas enquanto um raio de relação parte dela e alcança o homem, a pequena escrava é vista como uma atleta de corpo pequeno e grande coração, e todos os seus hábitos (inclusive

aquele que, segundo se diz, foi descoberto recentemente: o de que nunca dorme) se tornam sublimes.

Por causa dessa radical correspondência entre as coisas visíveis e os pensamentos humanos, os salvagens, que só têm o que é necessário ter, conversam mediante figuras. A medida que voltamos nas idades históricas, a linguagem se torna mais pictórica, até que ao chegar à sua infância é poesia total, ou seja, que todos os acontecimentos espirituais sejam representados por símbolos naturais.

Comprova-se que os mesmos símbolos compõem os elementos primitivos de todas as línguas. Observou-se, ademais, que as expressões idiomáticas de todas as línguas se aproximam umas das outras nas passagens de maior força e eloquência. E assim como é a primeira língua, é também a última. Essa dependência direta entre a linguagem e a natureza, essa conversão de um fenômeno externo em um modelo de algo vinculado com a vida humana, nunca perde a capacidade de nos comover. É isto o que dá à prática de um vigoroso fazendeiro ou lenhador esse cativante atrativo que todos saboreiam.

O poder de um homem para ligar cada um de seus pensamentos com seu símbolo apropriado e então proferí-lo, depende da simplicidade de seu caráter, vale dizer, de seu amor à verdade e de seu anseio de comunicá-la sem perda. À corrupção do homem segue-se a corrupção da linguagem. Quando a simplicidade do caráter e a soberania das ideias são quebradas pelo predomínio de desejos secundários – o desejo de riquezas, de prazeres, de poderio, de fama –, e a duplicidade e a falsidade tomam o lugar da simplicidade e verdade, o poder adquirido sobre a natureza como intérprete da vontade se perde em certo grau; deixam de criar-se novas imagens, e as antigas palavras são pervertidas para representar coisas que não são; se recorre a um papel-moeda, ainda



não há linguotes que o respaldem nas arcas públicas. A seu devido tempo, a fraude se torna manifesta, e as palavras perdem toda sua faculdade de estimular o entendimento ou as emoções.

Em toda nação civilizada, muito tempo atrás, podem ser encontradas centenas de escritores que, durante um breve lapso, creem e fazem outros creer que contemplam e enunciam verdades, quando em realidade, não vestem por si mesmos a um só pensamento com suas roupagens naturais, senão que se alimentam inconscientemente da linguagem criada pelos escritores primordiais do país, a saber, aqueles que se atêm fundamentalmente à natureza.

Mas os homens sábios abrem seus caminhos através desta dicção putrefata e voltam a enlaçar as palavras com as coisas visíveis; de modo tal que uma linguagem figurativa é de imediato uma convincente garantia de que quem a emprega terá estabelecido uma aliança com a verdade e com Deus. Quando nosso discurso se eleva por sobre o conhecido e se inflama com a paixão ou se exalta com o pensamento, investe-se de imagens. Se o homem que dialoga seriamente presta atenção aos seus processos intelectuais, descobrirá que uma imagem material mais ou menos luminosa surge em sua mente junto com cada pensamento e lhe proporciona sua veste. Por isso, a boa literatura e a oratória brilhante são perpétuas alegorias.

Esse imaginário é espontâneo. São a fusão da experiência com a ação presente da mente. É a própria Criação. Isto é a atuação da Causa Original através dos instrumentos que ele já criou.

O fatos podem sugerir as vantagens que a vida no campo oferece a uma mente poderosa, em relação a vida artificial e opressiva das cidades. Nós sabemos que a natureza nos ensina mais coisas do que podemos transmitir pela vontade. Sua luz penetra para sempre no espírito, e nos esquecemos da sua presença. O poeta ou o orador criado nos bosques, cujos sentidos se nutriram ano após ano de suas equânimes e apaziguadoras transformações, sem que houvesse

se proposto nem lhe prestado atenção, não esquecerá as lições quando estiver em meio ao estrépito das cidades ou ao tumulto da política. Muito tempo depois, sacudido entre a agitação e o terror nas assembleias nacionais – na hora da revolução –, reaparecerão ante ele essas imagens solenes em seu brilho matinal, como símbolos e palavras adequados às ideias que os acontecimentos do momento despertam. Ao chamado de um nobre sentimento, voltam a balançar as florestas, a murmurar os pinheiros, a correr as águas cintilantes do rio, a mugir o gado nos montes, tal como o viu e ouviu em sua infância. E junto com essas formas, são postos em suas mãos os feitiços da persuasão, as chaves do poder.

**3** - Desta maneira os objetos nos auxiliam na expressão de significados particulares. Porém, que linguagem gigantesca para transmitir essas minúsculas informações! Necessitava ela destas nobres raças, desta profusão de formas, desta hoste de orbes no céu, para do-tar ao homem do dicionário e da gramática de seu idioma comunitário? Ao usar este grande código para despachar nossos assuntos mais banais, sentimos que não lhe demos ainda o destino que merece, nem somos capazes de lhe dar. Nos assemelhamos a viajantes que cozinham ovos nas cinzas de um vulcão.

Vemos a linguagem, sempre pronta a investir o que queremos comunicar, e ao mesmo tempo não podemos evitar de nos perguntar se os caracteres não serão significativos em si mesmos. As montanhas, as ondas do mar, o céu, não têm nenhum outro significado além dos que deliberadamente lhes damos quando os empregamos como emblemas de nosso pensamento? O mundo é emblemático. As partes da oração são metáforas, porque a natureza toda é uma metáfora da mente humana. As leis da natureza moral respondem as da matéria, como um rosto ao outro no espelho. *"O mundo visível e a relação que guardam suas partes são o quadrante em que se estampa o invisível"*. Os axiomas da física traduzem as leis da ética: *"O todo é maior do que suas partes"*, *"A reação é igual à ação"*, *"Um objeto de menor peso pode elevar a*

*outro de maior peso, sendo a diferença compensada mediante o tempo*", e muitas proposições similares têm um sentido ético ao mesmo tempo que físico. O sentido destas proposições é muito mais amplo e universal quando aplicado à vida humana, e não quando é limitado ao uso técnico.

Analogamente, as frases históricas memoráveis e os provérbios dos povos consistem, em geral, em um fenômeno natural tomado como imagem ou parábola de uma verdade moral. Assim, temos: "*Pedra que rola não junta musgo*"; "*Mais vale um pássaro na mão do que dois voando*"; "*Um aleijado pelo bom caminho chega antes que um atleta pelo caminho errado*"; "*O ferro tem de ser golpeado quando está em brasas*"; "*Vinho doce dá vinagre amargo*"; "*A última gota é a que faz transbordar o copo*"; "*As árvores mais grossas são as que melhor afundaram suas raízes*", e assim sucessivamente.

Em seu sentido primário, esses são fatos triviais, mas se os repetimos é por seu valor analógico. E o que é válido para os provérbios também é para as fábulas, parábolas e alegorias.

Essa relação entre a mente e a matéria não é o produto da fantasia de um poeta, senão fruto da vontade de Deus, e todos os homens estão livres para conhecê-la. Isto lhes aparece ou não lhes aparece. Quando em horas fortuitas meditamos sobre esse milagre, o homem sábio duvida se, em todas as demais horas, não estava cego e surdo.

*"Podem estas coisas ser, E envolver-nos como nuvem de verão, Sem nosso especial espanto?"*

Pois o universo se torna então transparente e é através-sado pela luz de leis superiores a nossa. É esse o problema que afinal provocou o assombro e o estudo de todos os grandes gênios, desde que o mundo começou; desde a era dos egípcios e dos brâmanes até a de Pitágoras, Platão, Bacon, Leibnitz, Swedenborg. Aí, senta-se a Esfinge à beira do caminho, e de época para época – cada profeta

que surge trata de decifrar seu enigma. O espírito parece ter a necessidade objetiva de se manifestar em formas materiais; e o dia e a noite, o rio e a tormenta, o mamífero e o pássaro, o ácido e o alcalino, preexistem como ideias necessárias na mente de Deus, e são o que são em virtude de atributos precedentes no mundo do espírito. Um feito é o ponto final, a emanção última do espírito. A criação visível fecha a circunferência do mundo invisível. *"Objetos Materiais,"* disse um filósofo francês, *"são necessariamente uma espécie de scoriae dos pensamentos substanciais do Criador, que devem sempre preservar uma exata relação com sua origem primeira; em outras palavras, a natureza visível precisa ter um lado espiritual e moral"*.

Essa doutrina é abstrusa e, através das imagens de "vestuário", "escória", "espelho" e companhia, pode estimular a fantasia; nós devemos convocar a ajuda de mais vitais e sutis expositores para torná-la simples. "Cada escritura é para ser interpretada pelo mesmo espírito que a concebeu", é a lei fundamental do criticismo. Uma vida de harmonia com a natureza, o amor pela verdade e virtude, purgarão os olhos para entender seu texto. Em níveis, podemos chegar a conhecer o sentido primitivo dos objetos permanentes da natureza, para que o mundo possa ser para nós como um livro aberto, e cada forma um significante da sua vida oculta e causa final.

Um novo interesse nos surpreende, enquanto, sob a perspectiva sugerida agora, contemplamos a temerosa extensão e multitude dos objetos, já que "todo objeto, visto corretamente, libera uma nova faculdade da alma."

O que era verdade inconsciente passa a integrar, quando o interpretamos e definimos em um objeto, o domínio do saber: uma nova arma no arsenal do poderio humano.

# Disciplina

EM vista da significação da natureza, chegamos de imediato a este novo fato: que ela constitui uma disciplina, uma maneira de utilizar o mundo, na qual estão contidas como partes os usos precedentes.

O espaço, o tempo, a sociedade, o trabalho, o clima, a alimentação e a locomoção, os animais e as forças mecânicas, brindam-nos diariamente com as lições mais genuínas, cujo significado não tem limites. Elas instruem tanto o Entendimento como a Razão. Toda propriedade da matéria é uma escola para o entendimento – sua solidez ou resistência, sua inércia, sua extensão, sua forma, sua divisibilidade. O entendimento soma, divide, combina, mede, e, neste digno cenário, encontra alimento e espaço para seu acionamento. Entretanto, a Razão transfere todas estas lições para o seu próprio mundo de ideias, percebendo a analogia que une a Matéria e a Mente em matrimônio.

**1. A Natureza é uma disciplina do entendimento nas verdades intelectuais.** Nosso manejo de objetos materiais é um exercício constante das indispensáveis lições de diferença e similitude, da ordem, do ser e do parecer, da estruturação progressiva, da subida desde o particular rumo ao geral, da combinação de múltiplas forças com vistas a um fim. O extremo cuidado com que se provê a instrução de um órgão em formação é proporcional a sua importância e, em nenhum caso, omite-se esse cuidado.

Que tedioso adestramento, dia após dia, ano após ano, interminavelmente, para criar o sentido comum; que reprodução contínua de moléstias, inconvenientes, dilemas; que algaravia de

homenzinhos sobre nós, que disputa de preços, que cálculos de benefícios. E tudo para formar a Mão da mente; para nos ensinar que *"boas ideias não são mais do que bons sonhos"*, a não ser que as coloquemos em prática!

O mesmo bom ofício é perpetrado pela Propriedade e seus sistemas dependentes de débito e crédito. Débito, aflitivo débito, cujo ferro encaram a viúva e o órfão; e os filhos do gênio temem e odeiam. Débito, o que consome tanto tempo, o que então aleija e desencoraja um grande espírito com cuidados que parecem tão vis, é o preceptor cujas lições não podem ser dispensadas, e ao qual reco-rrem sobretudo aqueles que mais sofrem com este. Além do mais, a propriedade, que já foi bem comparada com a neve – "se cai mansamente hoje, soprará em nevasca amanhã" – é uma ação superficial de maquinaria interna, como os ponteiros na face de um relógio. Ao passo que agora seja considerada uma ginástica do entendimento, ela está fazendo sua colônia na previdência do espírito, uma experiência em leis mais profundas. O caráter e a fortuna completos do indivíduo são afetados pelas menores desigualdades na cultura do entendimento; por exemplo, na percepção das diferenças. Logo é o Espaço, e logo é o Tempo, que o homem pode saber que as coisas não estão amontoadas e aglomeradas, mas separadas e individuais. Um sino e um arado têm seus usos, e nenhum deles pode cumprir o ofício do outro. Água é boa para beber, o carvão para queimar, lã para vestir; mas a lã não pode ser vestida, nem a água fiada, nem o carvão comido. O homem sábio demonstra sua sabedoria pela discriminação, pela graduação, e a sua escala de instrumentos e méritos é tão vasta como a natureza. Os tolos não têm variação em suas escalas, porém supõem que cada homem seja como cada outro homem; ao que não é bom eles chamam de o pior, e ao que não é odioso eles chamam de o melhor.

Nos mesmos moldes, àquilo que bem se discerne, a natureza molda em nós! Ela não perdoa erros. Seu sim é sim, e seu não, não.

Os primeiros passos dados em Agricultura, Astronomia, Zoologia (esses que o fazendeiro, o caçador e o marinheiro dão) nos ensinam que os dados da natureza sempre estão a postos, que entre suas pilhas de escombros e entulho se ocultam resultados certos e proveitosos.

Como tão calma e genialmente a mente apreende uma após outra as leis da física! Que nobres emoções dilatam ao mortal que entra nos concílios da criação e sente, graças ao seu saber, em que consiste o privilégio de SER! Sua visão o purifica. A beleza da natureza resplandece em seu próprio peito. Quando o homem vê isso se torna maior, e menor o universo, porque as relações de Tempo e Espaço se desvanecem na medida que as leis são conhecidas.

Também nesse caso nos sentimos impressionados e até intimidados pelo imenso Universo que há para explorar.

*"O que conhecemos é apenas um ponto do que não conhecemos."*

Abra-se qualquer jornal científico recente e pesem-se os problemas concernentes à luz, ao calor, à eletricidade, ao magnetismo, à fisiologia, à geologia, e julgue se é provável que se esgote logo o interesse da ciência natural.

Ao passar por tantas particularidades da disciplina da natureza, nós não devemos nos omitir de especificar dois.

O exercício da Vontade, ou a lição do poder, é ensinado em cada evento. Desde que a criança toma posse de seus sentidos, até o momento em que exclama "Seja feita a vossa vontade!", aprende o segredo de que pode submeter à sua vontade não só fenômenos particulares, senão grandes classes de fenômenos, mas ainda a série inteira dos sucessos, e assim acomodá-los todos ao seu próprio caráter. A natureza é uma mediadora cabal: foi feita para servir. Acolhe o domínio que o homem lhe impõe, tão mansamente como o asno que o Salvador montou. Oferece a ele todos os seus reinos,

como matéria prima para que modele o que lhe possa ser útil. O homem nunca se cansa de trabalhar esse material. Com o ar delicado e sutil, forja sábias e melodiosas palavras e lhes dá asas, convertendo-as em anjos da persuasão e do comando. Seu pensamento vitorioso enfrenta todas as coisas e as reduz uma após a outra, até que ao fim o mundo se torna apenas uma vontade realizada – o duplo do homem.

**2. Os objetos materiais se ajustam às premonições da Razão e refletem a consciência moral.** Todas as coisas são morais, e em suas ilimitadas mudanças fazem incessante referência à natureza espiritual. Assim foi glorificada a natureza em suas formas, cores e movimentos, para que todos os planetas dos céus mais remotos, todas as transformações químicas desde o cristal mais rude até as leis mesmas da vida, todas as transformações vegetais desde o início do crescimento de uma folha até as selvas tropicais e as antediluvianas minas de carvão, todas as funções animais – desde a esponja até Hércules – sussurrem ao homem ou lhe gritem com voz de trovão as leis do bem e do mal, e façam eco dos Dez Mandamentos. Por ele, a natureza é sempre aliada da religião e presta ao sentimento religioso toda sua pompa e riqueza. Desse manancial, beberam profundamente profetas e sacerdotes, Davi, Isaías, Jesus. Esse caráter ético penetra até tal ponto os ossos e a medula da natureza que parece ser o fim para o qual foi criada. Seja qual for a finalidade particular a que respondem qualquer um de seus membros ou partes, essa é sua nunca omitida função pública e universal. Nada na natureza se esgota depois do primeiro uso. Quando alguma coisa cumpriu ao máximo o seu papel, volta a estar inteiramente nova para um serviço ulterior. Em Deus, todo fim é convertido em um novo meio. Assim, o uso dos bens materiais – em si mesmo considerado – é vulgar e sórdido, mas, para a mente, representa uma instrução à doutrina do Uso, a saber, que uma coisa só é boa na medida em que serve para algo; que é essencial a todo ser, a confluência de partes e de esforços para a produção de um fim. A manifestação primeira e grosseira desta verdade é nosso



inevitável e aborrecido adestramento nos valores materiais e necessidades, na carne e no cereal.

Já exemplificamos de que maneira todo processo natural é uma tradução de uma sentença moral. A lei moral está no centro da natureza, e desde ali irradia até a circunferência. É o tutano e o miolo de toda substância, de toda relação, de todo processo. Cada uma das coisas com que tratamos nos predica isso. O que é uma fazenda senão um mudo evangelho? A palha e o trigo, as ervas e as plantas, o pulgão, a chuva, os insetos, o sol... eis aí um emblema sagrado, desde o primeiro sulco aberto na primavera até a última pilha de lenha alcançada pela neve invernal. Mas o marinheiro, o pastor, o mineiro, o mercador, em seus diversos âmbitos, têm todos uma experiência exatamente paralela e que leva à mesma conclusão, pois todas as organizações são radicalmente iguais. E é indubitável que este sentimento moral que assim perfuma o ar, cresce no grão e impregna as águas do mundo é captado pelo homem e penetra em sua alma. A influência moral da natureza sobre um indivíduo é a quantidade de verdade que ela lhe ilustra. Quem pode avaliá-la? Quem pode conjecturar quanta firmeza terá sido ensinada ao pescador, pela rocha que as ondas fustigan? Quanta tranquilidade viu refletida o homem no céu azul celeste, sobre cujas imaculadas profundezas os ventos para todo o sempre arrastam nuvens tempestuosas sem deixar ruga ou mancha? Quanta laboriosidade, providências e afeto tomados dos gestos das bestas? Que sagaz predador de autodomínio é o variante fenômeno da Saúde!

Nisso se percebe particularmente a unidade da Natureza – a unidade na variedade – com a qual nos encontramos em qualquer lugar. A infinita variedade das coisas produz uma impressão sempre idêntica. Xenófanes, em sua velhice, se lamentava de que, olhasse para onde olhasse, tudo quanto o rodeava voltava velozmente para a Unidade. Estava aflito de ver a mesma entidade na tediosa variedade das formas. A fábula de Proteu esconde uma verdade vital. Uma folha, uma gota de água, um cristal, um instante do tempo, estão

relacionados com a totalidade e participam de sua perfeição. Cada partícula é um microcosmos e traduz fielmente a similitude do mundo.

Não existem semelhanças apenas nas coisas cuja analogia é óbvia, como quando nós detectamos uma espécie de mão humana na nadadeira de um fóssil, mas também em objetos onde há grande dessemelhança aparente.

Assim, a arquitetura é chamada de "música congelada", por De Stael e Goethe. Vitrúvio pensava que um arquiteto deveria ser músico. "Uma igreja gótica", disse Coleridge, "é uma religião petrificada." Michelangelo sustentava que, para um arquiteto, o conhecimento da anatomia é essencial. Nos oratórios de Haydn, as notas apresentam à imaginação não apenas emoções, como aquelas da serpente, do veado e do elefante, mas também cores, como a da erva verde. A lei de sons harmônicos reaparece nas cores harmônicas. O granito tem sua substância alterada apenas pelo maior ou menor calor recebido do rio que o encobre. O rio, ao fluir, lembra o ar que flui sobre ele; o ar se assemelha à luz que o atravessa com correntes mais sutis; a luz lembra o calor que anda com ela através do Espaço. Cada criatura é só uma modificação da outra; a semelhança entre elas é maior do que a diferença, e sua regra radical é uma e a mesma coisa. Regra de uma só arte, ou lei de uma só organização, válidas em toda a natureza.

Tão íntima é essa Unidade que, como facilmente se vê, jaz sob a roupa mais de baixo da natureza, e denuncia sua origem no Espírito Universal. Por isso, permeia também o Pensamento. Cada verdade universal que expressamos em palavras implica ou supõe qualquer outra verdade.

Omne verum vero consonat. É como um grande círculo em uma esfera, compreendendo todos os círculos possíveis; o que, contudo, pode ser delineado e compreendido da mesma maneira. Cada verdade é o Ens absoluto visto de um lado. Mas tem inúmeros lados.

A Unidade central ainda é mais notável em ações. Palavras são órgãos finitos da mente infinita. Elas não podem abranger as dimensões dela, na verdade. Elas a quebram, podam e empobrecem. Uma ação é o aperfeiçoamento e a publicação do pensamento. A ação correta parece saltar aos olhos, e estar relacionada com toda a natureza. *"O homem sábio, ao fazer uma coisa, ou na única coisa que ele faz bem, vê a semelhança de tudo aquilo que é bem feito."*

Palavras e ações não são os atributos da natureza bruta.

Elas nos introduzem à forma humana, de que todas as outras organizações parecem ser degradações. Quando aparecem entre tantas coisas que o cercam, o espírito as prefere a todo o resto. Ele diz, *"De algo como isso é que esbocei a alegria e o conhecimento; em algo assim me achei e me vi; vou falar com isso, que pode me responder de volta; isso pode me fornecer o pensamento já formado e vivo."* Na verdade, o olho – a mente – está sempre acompanhado por estas formas, masculina e feminina; e essas são incomparavelmente as mais ricas informações do poder e da ordem contidas no cerne das coisas. Infelizmente, cada um deles tem a marca como que de alguma mácula; está estragado e superficialmente defeituoso. No entanto, muito diferente da natureza surda e muda ao seu redor, todas essas são como bicas de onde mina o mar insondável do pensamento e da virtude, para o qual apenas elas, dentre todas as organizações, são entradas.

Foi uma investigação agradável seguir em detalhes as suas contribuições para a nossa educação, mas onde isso iria parar? Estamos associados na vida adolescente e adulta a alguns amigos que, como o céu e as águas, coexistem com nossas ideias, que, respondendo cada um a certa afeição da alma, satisfazem o nosso desejo desse lado sobre o qual não temos poder para pôr a uma tal distância focal de nós, para que o possamos consertar ou mesmo analisar. Nós não os podemos escolher, mas amar.

Quando a relação com um amigo nos tiver fornecido um padrão de excelência, e tiver aumentado o nosso respeito pelos recursos de Deus, que assim nos envia uma pessoa real para ir atrás de nosso ideal; quando ele, além disso, tiver se tornado objeto de pensamento, e, enquanto seu caráter mantiver todo o seu efeito inconsciente, converte-se na mente em doce e sólida sabedoria – é um sinal para nós que sua missão está terminando, e ele, normalmente, retira-se de nossa vista em um curto espaço de tempo.

# Idealismo

ASSIM é o indizível, porém inteligível e praticável significado do mundo, transmitido ao homem, o aluno imortal, em cada objeto do sentido. Para esse fim de Disciplina, todas as partes da natureza conspiram.

Uma nobre dúvida perpetuamente se insinua, se esse fim não pode ser a Causa Final do Universo, e se a natureza exterior existe. É uma indicação suficiente da Aparência que chamamos de Mundo, que Deus vai ensinar a uma mente humana, e assim torná-la receptora de um certo número de sensações congruentes; o que chamamos de sol e lua, homem e mulher, casa e comércio. Em minha absoluta impotência para testar a autenticidade do relatório dos meus sentidos, para saber se as impressões que eles despertam em mim correspondem aos objetos distantes, que diferença faz, se Orion está lá em cima no céu, ou algum Deus pinta a imagem no firmamento da alma? As relações das partes e a finalidade do todo permanecem as mesmas; qual é a diferença, se a terra e o mar interagem, e os mundos giram e se misturam sem número ou finalidade – abismo profundo sob abismo profundo, galáxia equilibrando galáxia, através do espaço absoluto –, ou, se sem relações de tempo e espaço, as mesmas aparências se inscrevem na inabalável fé do homem? Se a natureza desfruta de uma existência externamente substancial, ou apenas no apocalipse da mente, é igualmente útil e igualmente venerável para mim. Seja ela o que for, é ideal para mim, enquanto eu não puder testar a precisão dos meus sentidos.

Os frívolos tornam-se alegres com a Teoria Ideal, se as suas consequências foram burlescas, como se isso afetasse a estabilidade da natureza. Certamente não afeta. Deus nunca brinca conosco, e não vai comprometer a finalidade da natureza permitindo qualquer

inconsequência em sua procissão. Qualquer desconfiança em relação à permanência das leis paralisaria as faculdades do homem.

Sua permanência é sagradamente respeitada, e sua fé aí é perfeita. As rodas e molas do homem estão todas configuradas para a hipótese de permanência da natureza. Nós não somos construídos como um navio para ser lançado, mas como uma casa para permanecer no lugar. É uma consequência natural dessa estrutura que, enquanto os poderes ativos predominarem sobre os reflexivos, nós resistamos com indignação a qualquer sugestão de que a natureza é mais curta ou mutável do que o espírito. O corretor, o carreteiro, o carpinteiro e o agente de pedágio ficariam muito ofendidos com tal sugestão.

Mas enquanto nós concordamos inteiramente com a permanência das leis naturais, a questão da existência absoluta da natureza ainda permanece em aberto. É o efeito uniforme da cultura na mente humana, não para abalar a nossa fé na estabilidade dos fenômenos particulares - como os do calor, da água, do azoto -, mas para nos levar a considerar a natureza como um fenômeno, e não uma substância; para atribuir a existência necessária ao espírito; para estimar a natureza como um acidente e um efeito.

Aos sentidos e à não renovada compreensão, pertence uma espécie de crença instintiva na existência absoluta da natureza. Em sua perspectiva, homem e natureza estão indissolivelmente unidos. As coisas são irrevogáveis, e nunca olham além de sua esfera. A presença da Razão arruína essa fé. O primeiro esforço de pensamento tende a relaxar esse despotismo dos sentidos, que nos liga à natureza como se fôssemos parte dela, e nos mostra a natureza indiferente e, por assim dizer, à tona. Enquanto essa operação maior não intervém, o olho animal vê, com precisão maravilhosa, os nítidos contornos e as coloridas superfícies. Quando o olho da Razão se abre, para contorno e superfície estarem de um vez somados, há graça e expressão. Estes procedem da imaginação e afeição, e diminuem em algo a nitidez angular de objetos. Se a

Razão for estimulada a uma visão mais séria, contornos e superfícies se tornam transparentes, e já não são vistos; causas e espíritos são vistos através deles. Os melhores momentos da vida são esses deliciosos despertares dos poderes maiores, e a reverencial passo atrás que dá a natureza ante seu Deus.

Permita que procedamos a indicação dos efeitos da cultura.

**1. Nossa primeira instituição na filosofia Ideal é uma sugestão da própria natureza.** A Natureza é feita para conspirar com o espírito para nos emancipar. Certas mudanças mecânicas, uma pequena alteração em nossa posição local, informa-nos de um dualismo. Nós somos estranhamente afetados ao ver a praia a partir de um barco em movimento, desde um balão, ou através dos matizes de um céu inusual. A menor mudança em nosso ponto de vista confere ao mundo todo um ar pictórico. Um homem que raramente passeia precisa apenas entrar em um ônibus e percorrer sua própria cidade para transformar a rua em um show de marionetes.

Os homens, as mulheres – falando, correndo, permutando, lutando –, o mecânico diligente, o indolente, o mendigo, os meninos, os cães, não são percebidos de vez, ou, pelo menos, totalmente avulsos de qualquer relação com o observador, e vistos como seres aparentes, e não substanciais. Que novos pensamentos são sugeridos ao ver o rosto de um conterrâneo bastante familiar no rápido movimento do vagão do trem! Não, os objetos mais usuais (fazendo uma pequena mudança no ponto de visão) agradam a maioria de nós. Em uma câmara escura, no carrinho do açougueiro, e na figura de alguém de nossa própria família, diverte-nos. Assim, um retrato de um rosto bem conhecido nos gratifica. Vire os olhos de cabeça para baixo, olhando a paisagem através de suas pernas, e quão agradável é a imagem que você tem visto toda hora por 20 anos!

Nesses casos, por meios mecânicos, é sugerida a diferença entre o observador e o espetáculo, entre homem e natureza. Daí surge um prazer misturado com temor; posso dizer, um pequenino grau do sublime é sentido a partir do fato provável de que o homem fica avisado que, embora o mundo seja um espetáculo, algo nele mesmo é estável.

**2. De forma mais elevada, o poeta comunica o mesmo prazer.** Em poucas tentativas, ele descreve o ar, o sol, a montanha, o campo, a cidade, o herói e a donzela, não diferentes de como nós os conhecemos, mas levantados do chão e a flutuar diante dos olhos. Ele desata a terra e o mar, faz com que girem em torno do eixo de seu pensamento primário, e então os disponibiliza. Ele mesmo, possuído por uma paixão heróica, usa a matéria como símbolos da mesma. O homem sensual conforma pensamentos às coisas, o poeta conforma coisas aos seus pensamentos.

Um conta a natureza como enraizada e firme; o outro, como fluída, e estampa nela sua existência. Para ele, o mundo refratário é dúctil e flexível; ele reveste a poeira e as pedras com humanidade, e faz delas as palavras da Razão. A Imaginação pode ser definida como o uso que a Razão faz do mundo material. Shakespeare tem o poder de subordinar a natureza aos propósitos da expressão, mais do que todos os poetas. Sua musa imperial joga a criação como um brinquedo de uma mão para a outra, e a usa para encarnar qualquer capricho de pensamento que for mais alto em sua mente. Os espaços mais remotos da natureza são visitados, e as mais distantes partes das coisas fendidas são unidas de novo, por uma sutil conexão espiritual. Estamos cientes de que a magnitude das coisas materiais é relativa, e que todos os objetos se encolhem e expandem para servir à paixão do poeta. Assim, em seus sonetos, o pouso dos pássaros e os aromas e tons das flores, ele descobre que são a sombra de sua amada; o tempo, que a afasta dele, é seu peito; a suspeita que ela desperta é o seu ornamento.



*O ornamento da beleza é Suspeito, Um corvo que voa no ar mais doce do céu.*

Sua paixão não é fruto do acaso; ela se expande, conforme ele fala, para uma cidade ou estado.

*Não, isto foi erguido longe do acidente; Não é afetado pelo sorriso pomposo, nem cai Sob a testa do descontentamento servil; Não teme a prudência, a herege, Que atua nas concessões de umas quantas horas, Mas sozinha se mostra imensamente política.*

Na força de sua constância, as Pirâmides parecem a ele recentes e transitórias. O frescor da juventude e amor o deslumbram com sua semelhança com a manhã.

*Tome aqueles lábios Que foram tão docemente perjurados; E aqueles olhos, – o romper do dia, Luzes que desencaminham a aurora.*

A beleza selvagem de sua hipérbole, devo dizer de passagem, não seria algo fácil de encontrar paralelo na literatura.

Essa transfiguração que todos os objetos materiais sofrem pela paixão do poeta – esse poder que ele exerce para nanificar o grande, para magnificar o pequeno – pode ser ilustrada por milhares de exemplos em suas peças.

Tenho diante de mim A Tempestade, e citarei apenas estas poucas linhas.

*ARIEL. Ao bem alicerçado promontório Eu fizera tremer, e pelas raízes arranquei pinheiros e cedros.*

*Próspero pede por música para acalmar ao frenético Alonzo e seus companheiros;*

*Que um ar solene, o melhor consolo Para uma mente perturbada,  
vos cure o cérebro Agora inútil, a ferver dentro do crânio.*

De novo:

*O encanto se dissolve no espaço, E, como a manhã a roubar da  
noite, Derretendo as trevas, para que seus sentidos recobrados  
Comecem a captar os fumos da ignorância que encobriram A sua  
clara visão. Sua compreensão Começa a se expandir: e a maré que  
se aproxima Logo preencherá as margens razoáveis Que agora  
jazem sujas e lamacentas.*

A percepção das reais afinidades entre eventos (isto é, de afinidades ideais, pois somente aquelas são reais), permite ao poeta, assim, tomar liberdades com a maioria das formas e fenômenos imponentes do mundo, e afirmar a predominância da alma.

**3. Portanto, enquanto o poeta anima a natureza com seu próprio pensamento, difere do filósofo; um propõe Beleza como fim principal; e o outro, Verdade.** Mas o filósofo, não menos do que o poeta, adia a ordem aparente e as relações das coisas para o império do pensamento. "*O problema da filosofia*", segundo Platão, "*é, dentre tudo o que existe de forma condicional, encontrar um terreno incondicional e absoluto.*" Ela procede da fé em uma lei que determine todos os fenômenos, pois, conhecendo-a, poderia-se prevê-los. Essa lei, quando na mente, é uma ideia. Sua beleza é infinita. O verdadeiro filósofo e o verdadeiro poeta são um; e uma beleza, que é verdade, e uma verdade, que é beleza, são o objetivo de ambos.

O encanto das definições de Platão ou Aristóteles não é estritamente semelhante àquele da Antígona de Sófocles?

Trata-se, em ambos os casos, de uma vida espiritual que tem participado da natureza; que o aparente sólido bloco da matéria tem sido permeado e dissolvido por um pensamento; que este ser humano frágil penetrou as vastas massas da natureza com uma

alma informe, e que se reconheu em suas harmonias, ou seja, apreendeu sua lei.

Na física, quando isso é conseguido, a memória é aliviada de seus incômodos catálogos de dados, portando séculos de observação em uma única fórmula.

Assim mesmo na física, o material se degrada antes do espiritual. O astrônomo e o geômetra confiam em sua análise irrefutável, e desdenham dos resultados da observação. A observação sublime de Euler em sua lei de arcos, *"Isto será contrário a toda experiência, mas é verdade"*, já havia transferido a natureza para a mente, deixando a matéria como um cadáver abandonado.

#### **4. A ciência intelectual tem sido direcionada para sempre gerar dúvidas sobre a existência da matéria.**

Turgot disse, *"Aquele que nunca tenha duvidado da existência da matéria, pode ter certeza de não ter aptidão para reflexões metafísicas."* Ele prende sua atenção na necessidade de naturezas não realizadas, ou seja, em Ideias; e na presença delas, sentimos que a circunstância aparente é de sonho e de bruma. Enquanto aguardamos neste Olimpo dos deuses, pensamos na natureza como um apêndice da alma. Nós ascendemos a sua região, e sabemos que estes são os pensamentos do Ser Supremo. *"Estes são os que foram criados desde a eternidade, desde o início, ou daquilo que jamais foi o mundo. Quando ele preparava os céus, eles estavam lá; quando firmava as nuvens acima, quando fortificava as fontes do abismo. Então foram até ele, como que trazidos com ele. Deles tomou conselho."*

Sua influência é proporcional. Como objetos da ciência, são acessíveis a poucos homens. Ainda que todos os homens sejam capazes de ascender, por piedade ou paixão, a região deles. E nenhum homem toca essas naturezas divinas sem se tornar, em algum grau, ele mesmo divino.

Como uma alma nova, elas renovam o corpo. Tornamo-nos fisicamente ágeis e luminosos; pisamos no ar; a vida já não é cansativa, e pensamos que nunca mais será. Nenhum homem teme a idade ou o infortúnio ou a morte em sua serena companhia, pois ele é transportado para fora da zona das mudanças. Enquanto vemos revelada a natureza da Justiça e da Verdade, aprendemos a diferença entre o absoluto e o condicional ou relativo. Nós apreendemos ao absoluto. Como se fosse a primeira vez que existimos.

Nós nos tornamos imortais, para aprendermos que tempo e espaço são relações da matéria; e que com uma percepção da verdade ou uma vontade virtuosa, eles não têm nenhum parentesco.

**5. Finalmente, religião e ética**, que podem ser apropriadamente chamadas de prática de ideias, ou introdução das ideias na vida, têm um efeito análogo em toda cultura mais baixa, ao degradar a natureza e sugerir a sua dependência do espírito. Ética e religião diferem nisto: que uma é o sistema de deveres humanos para com o homem; a outra, para com Deus. A religião inclui a personalidade de Deus; Ética, não. Elas são uma para o nosso presente projeto.

Ambas põem a natureza a seus pés. A lição primeira e última da religião é, *"As coisas que são vistas são temporais; as coisas que não são vistas, eternas."* Ela faz uma afronta à natureza. Ela faz para os incultos o que a filosofia faz para Berkeley e Viasa. A linguagem uniforme que pode ser ouvida nas igrejas da maioria das seitas ignorantes é: *"Menospreze as demonstrações desconsideráveis do mundo; elas são vaidades, sonhos, sombras, irrealidades; busque a realidade da religião."* O devoto despreza a natureza. Alguns teosofistas chegaram a uma hostilidade e indignação em relação à matéria, tal como a dos maniqueístas e de Plotino. Eles suspeitavam uns dos outros por qualquer olhar para trás em direção às painéis de carne do Egito. Plotino tinha vergonha do seu corpo. Em suma, todos poderiam dizer da matéria o que Michelangelo dizia da beleza

exterior, "é a erva transitória e penosa com que Deus veste a alma que chamou de tempo."

Parece que o movimento, a poesia, as ciências física e intelectual, e a religião, tendem todos a afetar nossas convicções sobre a realidade do mundo exterior. Mas confesso que há algo ingrato em expandir muito curiosamente os elementos da proposição geral, já que toda cultura tende a nos imbuir de idealismo. Eu não tenho nenhuma hostilidade para com a natureza, mas o amor de uma criança para com ela. Eu me amplio e vivo no dia quente como o milho e os melões. Falemos dela lealmente.

Eu não quero atirar pedras em minha bela mãe, nem macular meu ninho gentil. Eu apenas gostaria de indicar a verdadeira posição da natureza em relação ao homem, em que ponto se estabelece o homem, de que toda educação cuida; como o solo ao qual se atém, é o objetivo da vida humana, isto é, da ligação do homem com a natureza. A cultura inverte a opinião vulgar sobre a natureza, e faz com que a mente chame de aparente o que costumava chamar de real, e de real o que se costuma chamar de visionário. As crianças, é verdade, acreditam no mundo exterior. A crença daí surgida é uma ideia posterior, mas, pela cultura, essa fé surgirá em sua mente com tanta certeza como foi com o primeiro.

A vantagem da teoria ideal sobre a fé popular é esta, que apresenta o mundo precisamente sob a perspectiva mais desejável para a mente. Essa é, de fato, a perspectiva que a Razão, tanto especulativa quanto prática, isto é, da filosofia e da virtude, toma. Pois, visto à luz do pensamento, o mundo sempre é fenomenal; e a virtude o subordina à mente. O idealismo vê o mundo em Deus. Ele contempla todo o círculo de pessoas e coisas, de ações e eventos, do país e da religião, não como penosamente acumulados, átomo após átomo, ato após ato, em um Passado com idade crescente, mas como uma vasta pintura, que Deus pinta na eternidade imediata, para a contemplação da alma. Logo, a alma se mantém de fora de um estudo muito trivial e microscópico da tábua universal.

Ela respeita demais o fim para imergir nos meios. Ela vê no Cristianismo algo mais importante do que os escândalos da história eclesiástica, ou as sutilezas da crítica; e, muito indiferente às pessoas ou milagres, e não de todo perturbada pelas lacunas das evidências históricas, ela aceita de Deus o fenômeno, tal como é dado, como a forma pura e terrível da religião no mundo. Ela não é quente e apaixonada na aparência do que chama de sua própria fortuna boa ou má, na união ou oposição de outras pessoas. Nenhum homem é seu inimigo. Ele aceita o que quer que aconteça como parte de sua lição. É uma observadora, mais do que uma executora, e é uma executora apenas por isso lhe permitir uma melhor observação.

# Espírito

É essencial para uma verdadeira teoria da natureza e do homem, que esta contenha algo de progressivo.

Usos que estão ou possam estar esgotados e fatos que terminam numa afirmação não podem ser tudo o que há de verdadeiro neste bravo alojamento no qual o homem é abrigado, e onde todas as suas faculdades encontram exercício apropriado e sem fim. E todas as utilidades da natureza admitem se resumir a uma, que concede à atividade do homem um alcance infinito. Através de todos os seus reinos, até os subúrbios e periferias das coisas, isso é fiel à causa na qual teve sua origem. Ela sempre fala do Espírito. Ela sugere o absoluto. É um efeito permanente.

É uma grande sombra que sempre denuncia o sol atrás de nós.

A expressão da natureza é devota. Como a figura de Jesus, ela fica com a cabeça inclinada, mãos cruzadas sobre o peito. O homem mais feliz é aquele que aprende da natureza a lição da adoração.

Daquela essência inefável a qual chamamos Espírito, aquele que muito pensa dirá o mínimo. Podemos pressu-por Deus na vulgaridade, e, por assim dizer, fenômenos distantes da matéria; mas quando tentamos definí-lo e descrevê-lo, tanto a linguagem como o pensamento nos desertam, e ficamos tão indefesos como loucos e selvagens. Essa essência se recusa a ser catalogada em proposições, não obstante o homem o tenha adorado intelectualmente; o mais nobre sacerdócio da natureza é permanecer como aparição de Deus. É o órgão através do qual o espírito universal fala ao indivíduo, e se esforça para levar o indivíduo de volta para si.

Quando consideramos o Espírito, vemos que os pontos de vista já apresentados não incluem toda a circunferência do homem. Devemos acrescentar alguns pensamentos relacionados.

Três problemas para a mente são colocados pela natureza: 'O que é a matéria?', 'De onde é?' e 'Para onde vai?'. A primeira dessas questões a Teoria Ideal responde. Diz o idealismo: a matéria é um fenômeno, não uma substância.

O idealismo nos familiariza com a disparidade total entre a evidência do nosso próprio ser, e as evidências do ser do mundo. Um é perfeito; o outro, incapaz de qualquer garantia; a mente é uma parte da natureza das coisas; o mundo é um sonho divino, a partir do qual podemos hoje despertar para as glórias e certezas do dia. Idealismo é uma hipótese para explicar a natureza por outros princípios que não os da carpintaria e da química. No entanto, se ele nega a existência da matéria, não satisfaz às exigências do espírito. Isto deixaria Deus fora de mim.

Deixa-me no labirinto esplêndido da minha percepção, a vagar sem fim. Então o coração resiste, porque isso esbarra no afeto ao negar um ser substantivo a homens e mulheres. A natureza está tão impregnada com a vida humana, que há algo de humanidade em tudo, e em cada detalhe. Mas esta teoria faz da natureza estranha para mim, e não leva em conta aquela consanguinidade que nós reconhecemos nela.

Deixe que fique, então, no estado atual do nosso conhecimento, apenas como uma útil hipótese intro-dutória, servindo para nos infomar da eterna separação entre a alma e o mundo.

Mas quando, seguindo os passos invisíveis de pensamento, chegamos a perguntar, 'De onde vem a matéria?'

e 'Para onde vai?', muitas verdades surgem para nós desde os recessos da consciência. Aprendemos que o mais elevado está presente para a alma do homem, que a terrível essência universal,



que não é sabedoria, ou amor, ou beleza, ou poder, mas tudo em um, e cada um por inteiro, é aquilo para o qual todas as coisas existem, e aquilo pelo qual elas são; aquilo que o espírito cria; de modo que por trás da natureza, por toda a natureza, o espírito está presente; como um, e não como uma combinação, isso não age sobre nós desde fora, ou seja, no espaço e no tempo, mas espiritualmente, ou através de nós mesmos: portanto, que o espírito, isto é, o Ser Supremo, não constói a natureza ao nosso redor, mas a põe ali fora através de nós, como a vida da árvore põe para fora novos ramos e folhas através dos poros dos velhos. Como uma planta sobre a terra, assim um homem repousa sobre o seio de Deus; ele é nutrido por fontes infalíveis, e extrai, conforme a sua necessidade, inesgotável energia. Quem pode estabelecer limites para as possibilidades do homem? Depois de inalar o ar superior, tendo-lhe sido permitido contemplar as naturezas absolutas da justiça e da verdade, aprendemos que o homem tem acesso à toda a mente do Criador, é ele próprio o criador no finito. Essa visão, que me avisa onde as fontes de sabedoria e poder estão, e aponta para a virtude como *"A chave de ouro que abre o palácio da eternidade"*, traz em sua face o mais alto certificado da verdade, porque me anima a criar meu próprio mundo através da purificação da minha alma.

O mundo procede do mesmo espírito que o corpo do homem. É uma encarnação inferior e mais remota de Deus, uma projeção de Deus no inconsciente. Mas difere do corpo em um aspecto importante. Não é, como o corpo, sujeito à vontade humana. Sua ordem serena é inviolável por nós. É, portanto, para nós o presente aferidor da mente divina. É um ponto fixo pelo qual podemos aferir nossa posição. Conforme nos degeneramos, o contraste entre nós e nossa casa é mais evidente. Nós somos tão estranhos à natureza como somos alheios a Deus. Nós não entendemos as notas dos pássaros. A raposa e o cervo fogem de nós; o urso e o tigre nos despedaçam. Nós não conhecemos as utilidades de mais do que umas poucas plantas, como do milho e da maçã, da batata e da uva. Não é a paisagem, em cada vislumbre do que possui grandeza, uma face

dele? No entanto, isso pode nos mostrar o que é a discórdia entre homem e natureza, pois não se pode admirar livremente uma nobre paisagem se há trabalhadores a escavar no campo próximo. O poeta encontra algo absurdo em seu prazer, enquanto está fora da vista dos homens.

# Perspectivas

NOS inquiridos a respeito das leis do mundo e da moldura das coisas, a mais elevada razão é sempre a mais verdadeira, aquela que parece vagamente possível – a que é tão refinada, que muitas vezes é vaga e turva por estar profundamente sentada na mente, entre as verdades eternas. A ciência empírica é capaz de nublar a visão e, pelo próprio conhecimento das funções e processos, de privar o aluno da contemplação ofuscante do todo. O erudito se torna apoético. O mais lido naturalista que preste uma completa e devota atenção à verdade, vai ver que ali resta muito a prender da sua relação com o mundo, e que isso não deve ser aprendido por qualquer adição ou subtração ou outra comparação de quantidades, mas atingido pelas espontaneidades sortidas do espírito, por uma contínua auto-recuperação e por toda a humildade. Ele vai perceber que há mais qualidades excelentes no aluno do que a precisão e a infalibilidade; que uma suposição é muitas vezes mais proveitosa do que uma afirmação indiscutível, e que um sonho pode nos aprofundar mais no segredo da natureza do que uma centena de experimentos em coro.

Assim, os problemas a serem resolvidos são precisamente aqueles que o fisiologista e o naturalista deixam de enunciar. Não é tão pertinente ao homem conhecer todos os indivíduos do reino animal, como é saber de onde e para onde vai esta tiranizante unidade em suas constituições, que eternamente separa e classifica as coisas, procurando reduzir o mais diversificado a uma única forma. Quando eu observo uma rica paisagem, é menos para o meu propósito de recitar corretamente a ordem e a sobreposição dos estratos, do que para saber por que toda ideia de multitude está perdida em um tranquilo sentido de unidade. Eu não posso honrar enormemente a minúcia dos detalhes, enquanto não há nenhum indício para explicar

a relação entre as coisas e os pensamentos, nenhum raio sobre a metafísica da conquiologia, da botânica, das artes, para mostrar a relação das formas das flores, conchas, animais e arquitetura com a mente, e construir a ciência a partir de ideias. Em um gabinete de história natural, nos tornamos sensíveis a um certo reconhecimento e simpatia em relação às mais desajeitadas e excêntricas formas de animais, peixes e insetos. O americano que esteve confinado em seu próprio país, pela vista de prédios projetados sob modelos estrangeiros, se surpreende ao entrar na Catedral de York ou na Basílica de São Pedro, pela sensação de que essas estruturas são também imitações – débeis cópias de um arquétipo invisível.

Nem tem a ciência suficiente humanidade, enquanto o naturalista negligencia aquela congruência maravilhosa que subsiste entre o homem e o mundo - do qual ele é o senhor -, não porque seja o seu mais arguto habitante, mas porque ele é sua cabeça e coração, e encontra algo de si mesmo em todas as coisas grandes e pequenas, em cada camada de montanha, em cada nova lei da cor, fato da astronomia ou influência atmosférica que a observação ou a análise põem em aberto. A percepção destes mistérios inspira a musa de George Herbert, o belo salmista do século XVII. As linhas seguintes são parte do seu pequeno poema sobre o Homem.

*"O homem é todo simetria, Um membro com o outro em proporção,  
E todo o mundo para sua valia; A cada parte chama seu mais  
distante irmão, Em parentesco como têm sua cabeça e pés, E ambos  
com as luas e marés.*

*Nada há antes ou depois O que o homem não possa domar em cada  
fera; Seus olhos desmontam as mais altas estrelas; Ele está um  
pouco em toda a esfera; Ervas de bom grado curam nossa carne,  
pois Acha o conhecimento nelas.*

*Por nós é que os ventos evoluem, A terra repousa, move-se o céu, e  
fontes fluem.*

*Nada há que não sirva para a nossa vida, Como nosso tesouro, ou como lazer; O todo é de uma vez nossa dispensa de comida, E gabinete de prazer.*

*As estrelas temos nós por cama; A noite fecha a cortina; que o sol vem abrir; Música e luz visitam a cabeça da gente; A todas as coisas nossa carne ama Em sua essência a descer; em nossa mente A sua razão a subir.*

*Mais servos esperam ao homem Do que tomará conhecimento; pelo meio adverso Ele subjuga aos aliados que acaso assomem, Quando a doença o torna pálido e abatido.*

*Oh amor poderoso! O homem é um universo E de outro está provido."*

A percepção dessa classe de verdades faz a atração que atrai os homens para a ciência, mas o fim perdeu sua visão em atenção aos meios. Face a essa visão parcial da ciência, nós aceitamos a sentença de Platão, que diz que *"a poesia se aproxima mais da verdade vital do que a história."*

Cada conjectura e vaticínio da mente tem direito a um certo respeito, e aprendemos a preferir teorias imper-feitas e frases que contêm vislumbres da verdade, para digerir sistemas que não têm uma sugestão valiosa. Um escritor sábio vai sentir que as finalidades do estudo e da composição são melhor respondidas anunciando regiões desconhecidas do pensamento e, assim, comunicando através da esperança uma nova atividade para o espírito entorpecido.

Devo, portanto, concluir este ensaio com algumas tradições sobre o homem e a natureza, que certo poeta cantou para mim, as quais, como sempre existiram no mundo e voltam a aparecer talvez a todo bardo, podem ser ao mesmo tempo história e profecia.

*"Os alicerces do homem não estão na matéria, mas no espírito.*

*Mas o elemento do espírito é a eternidade. Para ele, portanto, a mais longa série de eventos, as mais antigas cronologias são jovens e recentes. No ciclo do homem universal, de quem os indivíduos conhecidos procedem, séculos são pontos, e toda a história não passa de uma só degradação.*

*Desconfiamos e renegamos interiormente a nossa afinidade com a natureza. Reconhecemos e desconhecemos, por sua vez, a nossa relação com ela. Somos como um Nabucodonosor destronado, louco, que come grama como um boi. Mas quem pode impor limites ao poder aplacador do espírito?*

*Um homem é um deus em ruínas. Quando os homens são inocentes, a vida deve ser mais longa e passar à imortalidade tão gentilmente como despertamos dos sonhos. Agora, o mundo seria insano e raivoso se essas desorganizações durassem centenas de anos. É mantido em xeque pela morte e pela infância. A infância é o perpétuo Messias, acolhido nos braços dos homens caídos, com os quais pleiteia o retorno ao paraíso.*

*O homem é o anão de si mesmo. Uma vez já foi permeado e dissolvido pelo espírito. Ele preencheu a natureza com suas correntes transbordantes. Dele surgiram sol e lua; do homem, o sol; da mulher, a lua. As leis de sua mente, os períodos de suas ações, externaram-se em dia e noite, em ano e estações. Mas, tendo feito para si esta enorme concha, suas águas se afastaram; ele já não preenche as veias e vênulas; ele está reduzido a uma gota. Ele vê que a estrutura ainda se ajusta a ele, mas se ajusta colossalmente. Diz, antes, que uma vez que se tenha ajustado a ele, agora lhe corresponde de largo e de alto. Ele adora timidamente seu próprio trabalho. Agora, o homem é o seguidor do sol, e a mulher a seguidora da lua. Ainda que às vezes ele comece sua soneca, e se questione sobre si e sua casa, e devaneie estranhamente sobre a semelhança entre ele e ela. Ele percebe que, se o seu direito ainda é primordial, se ele ainda tem poder elemental, se a sua palavra ainda*

*é genuína na natureza, não é um poder consciente, não é inferior, mas superior à sua vontade.*

*É instinto.”* Assim meu poeta órfico cantou.

Atualmente, o homem solicita da natureza não mais do que metade de sua força. Ele trabalha no mundo apenas com a sua compreensão. Ele mora nela e a domina com uma esmola de sabedoria; e aquele que mais trabalha nela não passa de meio-homem, e, enquanto seus braços são fortes e sua digestão boa, sua mente está embrutecida, e ele é um egoísta selvagem. Sua relação com a natureza, o seu poder sobre ela, se dá através da compreensão; como por adubo; o uso econômico do fogo, vento, água, e agulha de marinho; vapor, carvão, agricultura química; os reparos do corpo humano pelo dentista e pelo cirurgião.

Essa é uma tal retomada do poder, como se um rei banido devesse comprar seus territórios metro a metro, em vez de abarcar tudo de uma vez com seu trono. Enquanto isso, na treva espessa, não há o desejo cintilante de uma luz melhor – exemplos ocasionais da ação do homem sobre a natureza com toda sua força –, com razão, bem como compreensão. Tais exemplos são as tradições de milagres na mais remota antiguidade de todas as nações: a história de Jesus Cristo; as realizações de um princípio, como nas revoluções políticas e religiosas, e na abolição da escravidão; os milagres do entusiasmo, como os relatados por Swedenborg, Hohenlohe e pelo Shakers; muitos fatos obscuros e ainda contestados, agora organizados sob o nome de Magnetismo Animal; a oração; a eloquência; a autocura; e a sabedoria das crianças. Esses são exemplos de posse momentânea do cetro pela Razão; exercícios de um poder que não existe no tempo ou espaço, mas um instantâneo fluxo de poder gerador. A diferença entre a força real e ideal do homem é figurada de uma forma muito feliz pelos escolásticos, ao dizerem que o conhecimento do homem é um conhecimento da noite, vespertina cognitio, enquanto que o de Deus é um conhecimento da manhã, matutina cognitio.

O problema de restaurar no mundo a beleza original e eterna é resolvido pela redenção da alma. A ruína ou a lacuna, que vemos quando olhamos para a natureza, está em nosso próprio olho. O eixo da visão não é coincidente com o eixo das coisas, e assim elas não aparecem transparentes, mas opacas. A razão pela qual o mundo carece de unidade, e de jazer em pedaços amontoados, é porque o homem está desunido consigo mesmo. Ele não pode ser um naturalista até que satisfaça todas as exigências do espírito. O amor é tanto sua exigência como a percepção.

Na verdade, um não pode ser perfeito sem o outro. Nos confins do significado das palavras, o pensamento é devoto, e devoção é pensamento. Profundidade clama profundidade. Mas na vida real, esse casamento não é celebrado. Há homens inocentes que adoram a Deus segundo a tradição dos seus pais, mas seu senso de dever ainda não foi estendido ao uso de todas as suas faculdades.

E há naturalistas pacientes, mas eles congelam seus caracteres sob a luz invernal do entendimento. Não é a oração também um estudo da verdade, uma arremetida da alma rumo ao infinito desconhecido? Ninguém jamais rezou de todo coração sem aprender alguma coisa. Mas quando um pensador estiver convicto, decidido a separar cada objeto das suas relações pessoais, e vê-lo à luz do pensamento, deve, ao mesmo tempo, acender a ciência com o fogo dos mais sagrados afetos, então Deus se renovará na criação.

Não será necessário, quando a mente estiver preparada para estudar, procurar por objetivos. A marca invariável da sabedoria é ver o miraculoso no comum. O que é um dia? O que é um ano? O que é o verão? O que é a mulher?

O que é uma criança? O que é o sono? Para a nossa cegueira, essas coisas parecem não ser comoventes. Fabricamos fábulas para esconder a insipidez do fato e acomodá-lo, como dizemos, à lei maior da mente. Mas, quando o fato é visto sob a luz de uma ideia, a fábula berrante se desvanece e encolhe. Então contemplamos a



verdadeira lei superior. Para os sábios, pois, um fato é verdadeira poesia, e a mais bela das fábulas. Essas maravilhas são trazidas à nossa própria porta. Você também é um homem. Homem e mulher, e sua vida social, pobreza, trabalho, sono, medo, fortuna, são conhecidos por você. Saiba que nenhuma dessas coisas é superficial, mas que cada fenômeno tem suas raízes nas faculdades e afeições da mente. Embora a questão abstrata ocupe o seu intelecto, a natureza a traz concreta para ser resolvida pelas suas mãos. Seria uma sábia averiguação, para encerrar, comparar, ponto por ponto, especialmente em crises notáveis na vida, nossa história diária com o surgimento e progressão das ideias na mente.

Então, olharemos para o mundo com novos olhos. Ele responderá ao inquérito infinito do intelecto, "O que é a verdade?", e dos afetos, "O que é o bem?", cedendo-se passivo à Vontade instruída. Em seguida, poderá sobrevir o que meu poeta disse: "A Natureza não é fixa, mas fluida.

O Espírito a altera, molda, faz. A imobilidade ou estupidez da natureza é a ausência de espírito; ao espírito puro, é fluida, volátil, obediente. Todo o espírito constrói para si uma casa; e, além da sua casa, um mundo, um paraíso.

Saiba, então, que o mundo existe para você. Para você é o fenômeno perfeito. O que somos, apenas nós podemos ver. Tudo o que Adão tinha, tudo o que poderia César, você tem e pode. Adão chamou a sua casa de céu e terra, César chamou a sua casa de Roma; você talvez chame a sua de balcão de sapateiro, de cem hectares de terra arada, ou de sótão de estudo. No entanto, linha por linha e ponto por ponto, o seu domínio é tão grande quanto o deles, ainda que sem esses belos nomes. Construa, portanto, o seu próprio mundo. Tão logo você adapte sua vida à ideia pura em sua mente, esta revelará suas grandes proporções.

Uma revolução correspondente nas coisas se seguirá ao influxo do espírito. Tão rápido que as aparências des-gradáveis - como suínos,

aranhas, serpentes, parasitas, manicômios, prisões, inimigos - desaparecerão, pois são temporárias e não serão sempre vistas. As sordidezes e imundícies da natureza o sol deve secar e o vento evapo-rar. Como quando o verão vem do sul, os bancos de neve derretem, e a face da terra se torna verde diante disso; então o espírito avançado cria seus ornamentos ao longo do próprio caminho, leva consigo a beleza que visita e a canção que o encanta; ele deve esboçar rostos bonitos, cálidos corações, um discurso sábio, e atos heróicos em torno de sua trilha, até que o mal não seja mais visto. O reino do homem sobre a natureza, que não vem com a mera observação – um domínio tal como este de agora está além de seu sonho de Deus –, deve ser adentrado sem mais espanto do que o cego que sente que está gradualmente reestabelecendo a sua visão perfeita.